Um paradoxo chamado Sócrates*

Una paradoja llamada Sócrates

Carlos Fernández Liria**
Universidad Complutense de Madrid
Madrid, Espanha

Tradução de:
Thiago David Stadler***
Universidade Estadual do Paraná
União da Vitória, Brasil

Enviado em: 25/05/2019
Aprovado em: 31/07/2019

Teodoro: Mas certamente que temos
tempo livre, não temos, Sócrates?
Platão, 1988: 172b

Embora a filosofia não tenha serventia, é uma maneira de perder o tempo, para tanto, claro, é essencial ter tempo livre. A filosofia nasceu, de acordo com Platão e Aristóteles, do ócio, do tempo livre. Mas, o que o tempo livre tem de perigoso? Perguntamos novamente: se a filosofia é uma maneira de perder o tempo, como é que a história da filosofia começa com uma democracia que se dá ao trabalho de condenar um filósofo à morte?

* Capítulo publicado no livro ¿ Para qué servimos los filósofos? em 2012. A presente tradução foi autorizada para ser publicada em português pelo autor Carlos Fernández Liria [ao qual agradeço imensamente]. Já a Editora Catarata exige apenas que na reprodução parcial conste o título e a autoria. Referência bibliográfica completa: Una paradoja llamada Sócrates. In: FERNÁNDEZ LIRIA, Carlos. *¿ Para qué servimos los filósofos?* Madrid: Catarata, 2012, pp.19-34.

** Professor de Filosofia da Universidade Complutense de Madrid. Entre suas últimas publicações destacam-se: El orden de El Capital; El naufragio del hombre; El materialismo; En defensa del populismo; Educación para la ciudadanía: Democracia, Capitalismo y Estado de Derecho; El plan de Bolonia; Geometría y Tragedia. Durante os anos oitenta foi roteirista do programa de televisão La bola de cristal e publicou, junto com Santiago Alba, os livros Dejar de pensar e Volver a pensar.

*** Professor Adjunto de Filosofia da Universidade Estadual do Paraná. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação Profissional em Filosofia (PROF-FILO). Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS-UFPR).

Sócrates foi levado a julgamento quando tinha setenta anos [no ano 399 a.C.]. Não é fácil ter uma idéia do que a democracia ateniense teria contra ele, mas o fato é que acabaram sentenciando-o a morte. Sócrates, aparentemente, não tinha nada de especial. Não fazia nada de específico, apenas andava por aí conversando com as pessoas, fazendo perguntas na maioria das vezes muito idiotas. Em uma ocasião, por exemplo, estava no mercado perguntando a um sapateiro o que era um sapato. Um famoso sofista que daria um ciclo de palestras na Ásia Menor passou pelo mercado e despediu-se de Sócrates. Passado alguns meses, quando regressou, ele descobriu que Sócrates continuava ali, no mesmo lugar, insistindo que o sapateiro respondesse a sua pergunta sobre os sapatos. Sócrates nem sabia o que era um sapato. Não sabia nada e, portanto, também não ensinava nada. Sabia, isso sim, que não sabia nada. Isto o fazia perguntar pelas coisas mais evidentes de um modo muito insistente, pelas coisas que todo mundo dava por certo. Mais do que tudo, ele era um chato.

Mas tinha uma maneira muito peculiar de ser chato. Em princípio, uma democracia não se dedica a condenar os chatos à morte. Aqueles que o denunciaram supostamente o acusavam de não acreditar nos deuses e de corromper os jovens. No entanto, Sócrates interrogou a um de seus acusadores sobre esta especificidade, na frente dos juízes, e ele acabou reconhecendo que a sua acusação não tinha nem pé nem cabeça. O que pode ser, então, que os moveu a condená-lo?

Primeiro falaram os acusadores, diante da Assembléia dos atenienses. Pediram a pena de morte contra ele. Depois falou Sócrates, em sua própria defesa. Mantivemos o seu discurso tal como Platão, o seu discípulo, o apanhou. Sua leitura é apaixonante. Sócrates demonstrou muito bem que as acusações contrárias a ele eram falsas e também explicou os motivos pelos quais todo mundo estava tão irritado com ele. Não se tratava, longe disso, de que ensinava coisas importunas ou criminosas. Pelo contrário: ele não sabia nada e, portanto, não podia ensinar nada. A única coisa que queria era que aqueles que estavam lá fora se gabando de saber algo, lhe explicassem tais coisas. Por exemplo, os políticos. Os políticos sempre sabem muitas coisas. Sócrates, quando se encontrava com eles, lhes fazia perguntas aparentemente muito fáceis de responder. No início, eles costumavam responder com condescendência. O que acontece é que as respostas nunca convenciam a Sócrates, não as entendia, lhe pareciam contraditórias ou incompreensíveis e, assim, seguia perguntando e perguntando. Isso irritava as pessoas. Mas, a tal ponto de ser condenado a morte?

Primeiro, a Assembléia votou se Sócrates era culpado ou inocente. Se ele tivesse saído como inocente, seus acusadores teriam que lhe pagar uma multa pelos problemas causados. Mas, por apenas trinta votos entre 501, Sócrates foi considerado culpado. Provavelmente

queriam lhe dar apenas uma lição. Depois desta primeira votação, na verdade, Sócrates tinha que falar novamente e propor uma pena alternativa à pena de morte que os seus acusadores solicitavam. Talvez todos pensavam que Sócrates proporia que o condenassem ao exílio. Isto lhes permitiria se livrar deste chato sem manchar as mãos de sangue. Acontece que, quando Sócrates toma a palavra, aproveita para lhes dizer quatro verdades.

> O exílio? – lhes disse. E o que eu faria, aos setenta anos, indo de uma cidade a outra? Pois se vocês que são os meus concidadãos não puderam agüentar-me, se a vocês mesmos me tornei tão chato e inconveniente a ponto de me levarem a julgamento, como pensam que me suportarão noutras cidades onde nem sequer me conhecem?[1].

Deve-se notar que com estas palavras Sócrates explicita com toda claridade o verdadeiro motivo de sua condenação. Existem muitos livros e hipóteses complicadas que especulam a respeito da condenação, mas as palavras de Sócrates não deixam lugar a dúvidas: o condenam por ser inconveniente e chato.

Então, Sócrates não propõe que o condenem ao exílio. Pelo contrário, ele argumenta que só fez coisas boas e o que merece mesmo é um prêmio. Ele se limitou a dialogar. Aos muitos que diziam saber isto ou aquilo lhes perguntou e perguntou até que tiveram que reconhecer que na verdade não sabiam o que diziam saber. É verdade que, às vezes, muitos se despediam irritados, mas, no fundo, fizeste-lhes um grande favor. Antes achavam que eram sábios e não o eram. Achavam que sabiam muitas coisas e não sabiam nada de nada. Agora, se fossem sinceros, saberiam ao menos uma coisa: que não sabiam. É melhor saber que não se sabe nada do que acreditar que você sabe o que você não sabe. “Qual castigo acha que mereço por ter feito este favor? Eu acho – disse Sócrates – que mereço algo bom: proponho-lhes que me concedam o mesmo prêmio dos vencedores dos jogos olímpicos, deixem-me ter uma pensão vitalícia, para que assim, tendo todo o tempo livre do mundo, eu possa continuar incomodando-os na rua, cada vez que cruzem comigo”.

O discurso de Sócrates irritou ainda mais os atenienses. Tanto que 360 votaram por sentenciá-lo a morte. A coisa é chocante, pois, na verdade, apenas 281 haviam o considerado culpado. Isto quer dizer que havia muitas pessoas que votaram em condená-lo à morte,

[1] Esta citação da *Apologia de Sócrates* não é literal e as que seguirão também não serão. Fiz uma recriação com vistas a resumir. Se aqui se tratasse de um comentário exaustivo deste miraculoso texto [o que não é o caso], minhas conclusões seriam de todos os modos, as mesmas. Em todo caso, a referência é Platão, *Apologia*, 37a e 38c. (Nota do autor)

mesmo considerando-o inocente. Sócrates foi tão irritante, tão inconveniente, tão chato que tinha que se livrar dele mesmo reconhecendo a sua inocência?

> Ah, atenienses! – lhes disse Sócrates -. Se tivessem esperado um pouco mais, eu os teria livrado da má fama que cairá sobre vocês, a de matar um sábio. Porque é isto que dirão de mim: que sou um sábio, mesmo que não o seja. Sempre com pressa! Sempre lhes falta tempo! Eu já tenho setenta anos; se tivessem um pouco de paciência, eu morreria sozinho e, assim, vocês teriam escapado de protagonizar este episódio desprezível.

E, de fato, Sócrates era tão insuportável que precisavam de tanta pressa para se livrar dele?

> Não estou zangado – Sócrates lhes contava – porque me condenaram à morte. Quem sabe se a morte é algo bom? Quem sabe se, como costumam dizer, pararei no Hades, onde me encontrarei com Ulisses, Agamenon, com Aquiles, com muitos homens célebres que morreram há tanto tempo. Será maravilhoso aproveitar para lhes perguntar o que é um sapato. Em todo o caso, eles não poderão me matar por isso, pois já estarei morto. Ou talvez a morte seja apenas o nada, como dormir para sempre. Isto também não me parece ruim. Por outro lado tem uma coisa que seguramente é ruim: perder a dignidade. É um absurdo se agarrar à vida se você perde aquilo pelo que vale a pena viver. Agora, eu só perderei a minha vida; vocês perderão a tua dignidade. Então, venham atenienses, aqui nos despedimos. Eu morrerei e vocês viverão. Quem de nós se dirige a um melhor destino é algo desconhecido para todos, exceto para o deus.

O que era tão insuportável na maneira de dialogar de Sócrates, tanto que decidiram condená-lo à morte?

Um diálogo socrático é algo muito distinto de uma mera troca de opiniões. Pensemos no que ocorre com a maior parte das conversas ou das discussões que as pessoas geralmente têm. Começa-se falando de um tema, inicia-se uma discussão, pouco a pouco o assunto vai mudando, se fala disso, daquilo e daquilo outro... E se algumas horas passam, no final, ninguém mais se recorda do que começaram a falar no início.

> Como é que acabamos falando das causas do desemprego? Mas não estávamos falando do terrorismo? Não começamos discutindo sobre o que iríamos fazer nas férias? Claro, isso é o que nos levou a falar do terrorismo, você disse que não queria ir ao Iêmen porque tinha medo que acontecesse um atentado contra os turistas, isso nos levou a falar do mundo árabe e dos imigrantes, e então acabamos discutindo sobre o machismo; isso me fez lembrar minha avó, foi então que você contou essa história de seu povo... e a receita da gachas

> manchegas[2]... mas, como é que acabamos discutindo sobre o direito ao aborto, a família real e, finalmente, sobre as causas do desemprego na Espanha?

Algo parecido com isto é o que acontece na maioria de nossas conversas, e isso se não forem interrompidas pela falta de tempo ou por qualquer outro motivo. No final, é normal que os interlocutores digam algo assim: "Enfim, do que estávamos falando? Bem, isso não importa, estivemos conversando... de tudo e de nada". "*Um pouco de tudo e um pouco de nada...*". É curioso. No início da conversa todo mundo estava muito seguro do que dizia: sabiam muito bem que as causas do desemprego eram isto ou aquilo, que o terrorismo islâmico e o turismo tinham algo a ver assim como o direito ao aborto, a família real, o machismo e a sua avó também o tinha. No final, acontece que o "todo" e o "nada" ficam um pouco iguais. Não só não se sabe o que é o desemprego ou o turismo ou o terrorismo, mas nem sequer se distingue muito bem se tem falado de "tudo" ou de "nada". Sim, enquanto isso esteve "passando o tempo".

Poderíamos dizer que cada cidadão "passa o tempo" a sua maneira. O banqueiro passa o seu tempo como banqueiro; a caixa do mercado o passa como caixa; o professor, de professor; a deputada, de deputada; o mendigo, de mendigo... E, enquanto isso, todos vão falando e falando. Falam "de tudo e de nada", mas vão passando o tempo.

Imaginemos agora que um estranho personagem chamado Sócrates rompe com esta vida pacífica da cidade. Sócrates não estava somente indisposto a que se confunda o todo com o nada. Também não está disposto a se estamos falando de sapatos, comecemos a falar de sandálias, a não ser que se demonstre com claridade que há bons argumentos para isso.

Estaria muito menos disposto a começar a falar das causas do desemprego, da família real ou do direito ao aborto se antes não se explicou com suficiente claridade o que são os sapatos e o que eles podem ter a ver com esses outros assuntos. Isto é, na realidade, o que costumamos considerar como um chato. Uma pessoa que a todo o momento nos impede de mudar de assunto, de ir prá lá e prá cá em uma conversa, uma pessoa que te interrompe constantemente dizendo que não entendeu bem, que você se explique melhor.

> - Mas como, Sócrates, você não sabe o que é um sapato? Até mesmo uma criança sabe o que é.
> - Diga-me, então, o que é um sapato, já que sabe tão bem – replicou Sócrates.
> - Um sapato é uma sola coberta de couro que serve para ...
> - Não, não – interrompia Sócrates - ainda não me diga as partes do sapato, também não diga sobre a sua serventia... Por que eu quero saber as partes de

[2] Comida espanhola. Espécie de mingau feito com farinha ao qual é adicionado bacon, alho, páprica, óleo e sal [com variações]. (N.T)

> uma coisa que não sei o que é? Por que eu quero saber a serventia de uma coisa se não sei o que esta coisa é?

E quando o seu interlocutor se empenhava em falar dos tipos de sapatos, ou das modas que havia em Atenas, Esparta ou Egito, Sócrates seguia interrompendo e pedindo com insistência que antes de todas estas coisas acerca dos sapatos, que antes de falar sobre os seus tipos, de suas partes ou da sua utilidade, que antes de se falar sobre as qualidades distintas dos sapatos, sobre a última moda em sapatos, sobre a mudança do preço do sapato ou sobre a produção de sapatos na Grécia ou na Pérsia, lhe dissessem, simplesmente, o que era um sapato. Qual o interesse em se saber muito sobre algo que você não sabe o que é?

Desta forma, Sócrates interrompia qualquer conversa. Impedia que as pessoas mudassem de assunto alegremente de acordo como iam se animando conforme conversavam. Uma vez, por exemplo, Cálicles, um político de péssimo humor, explica a Sócrates com um discurso muito brilhante que as leis são feitas pelos fracos para se protegerem dos fortes. Trata-se de um discurso impressionante que deixa a todos com a boca aberta. Ainda hoje, quando você relê, tem a sensação de estar lendo algo irrefutável. Sócrates, no entanto, coça a cabeça, faz cara de idiota e diz: "Sim, tudo isto é muito interessante, mas ... o que é ser forte?, o que é ser fraco? Não entendendo o que estas palavras querem dizer". Com péssimo humor por ter que interromper o seu interessantíssimo discurso, Cálicles começa a explicar essas ninharias. Sócrates interrompe a todo o momento com novas perguntas, cada vez mais elementares e mais simples. E, ao final, Cálicles encontra-se defendendo uma coisa que a ele mesmo lhe parece absurda: que é melhor ser vítima das injustiças que cometê-las, que é preferível ser súdito de um tirano que ser um tirano. Isto lhe deixa furioso. A maneira de dialogar de Sócrates é tão irritante que você acaba falando bobeiras, dizendo coisas que não queria dizer. Cálicles, então, se levanta e vai embora, proferindo ameaças contra Sócrates.

Em outra ocasião, um sofista chamado Mênon está falando se é possível ou não ensinar a ser virtuoso.

> - Antes de discutir sobre coisas tão interessantes – disse Sócrates – você poderia me dizer, Mênon, o que é a virtude?
> - Mas, Sócrates, terei que voltar ao meu país contando que Sócrates, o famoso sábio de Atenas, não sabe o que é a virtude? Todo mundo sabe o que é a virtude, até uma criança saberia dizer o que é a virtude.

No entanto, Sócrates insiste em ser mais ignorante do que uma criança. Mênon faz várias tentativas para lhe explicar o que é a virtude. Todo mundo sabe, por experiência, que a

virtude é isto ou aquilo ou aquilo outro... "Esses são exemplos de virtude", contesta Sócrates, "mas não me aclaram nada; não me serve para nada saber exemplos de algo que não sei o que é". Mênon fala das partes da virtude, dos tipos de virtude... "É como se eu estivesse perguntando o que é uma abelha e você está me dizendo que são as patas, as asas, a cabeça, um abdômen... Essas são as partes da abelha, não o que é uma abelha". Mênon se desespera e acaba por colocar em dúvida a possibilidade do conhecimento. Deve ser impossível saber o que as coisas são, acaba concluindo. Sócrates, então, usa uma estratégia para incentivá-lo; conta-lhe uma estória que os poetas gregos contavam, uma estória sobre a imortalidade da alma: "Dizem os poetas que 'conhecer é recordar'. Dizem que a alma sempre existiu. Antes de se juntar ao corpo, antes de nascermos, nossa alma já tinha vivido uma vida eterna com as coisas e sabia muito bem o que cada uma delas era. O que acontece é que quando nascemos, quando a nossa alma se junta ao corpo, esquecemo-nos de tudo o que sabíamos. E quando conhecemos algo, o que fazemos na verdade é recordar daquilo que já sabíamos antes de nascer, recordar-se da vida antes do nosso nascimento".

Com esta estória, Sócrates tenta explicar a Mênon em que consiste o conhecimento. Trata-se, é claro, de uma metáfora, de um mito. Por isso é um grande erro que os manuais de filosofia muitas vezes digam que Sócrates ou Platão defendiam a imortalidade da alma. Nem a defenderam nem a deixavam de defender. O que eles tentavam explicar era o que seria o conhecer, o pensar, o dizer que uma coisa "é". Como os interlocutores costumam ficar desnorteados, como Mênon, ou raivosos e indo embora, como Cálicles, Sócrates recorre à linguagem dos grandes poetas gregos para se fazer entender. Trata-se, na verdade, da linguagem do inimigo, pois os poetas eram os representantes da tradição, da autoridade dos ancestrais, dos anciãos, dos costumes mais sagrados e antigos. E Sócrates não tinha nenhum respeito especial por esse mundo das sagradas tradições. Sócrates era, antes, um corrosivo das convicções mais profundamente enraizadas, um curto-circuito no mundo instituído das tradições. De fato, aqueles que assumiram a liderança no julgamento contra Sócrates, os que pediram a pena de morte contra ele, eram poetas. É, portanto, impertinente dizer que a filosofia de Sócrates ou Platão defende a imortalidade da alma. Não: o que eles dizem é que se há de explicar na linguagem do inimigo o que é o conhecimento, o que é a razão, o que é uma "idéia", então há uma estória que não faz mal, uma estória que é melhor do que as outras: a estória da imortalidade da alma. Trata-se de uma estória útil, pelo menos para que Mênon não desista tão cedo, simplesmente negando a possibilidade de conhecer. O que "na linguagem dos poetas" é referido como uma "vida *anterior*" que pode ser "recordada", pode ser uma boa metáfora [embora apenas uma metáfora] do que Sócrates vem pedindo a Mênon desde o

início: para saber se a virtude é ou não ensinável, é preciso saber com "anterioridade" o que estamos chamando de virtude. Senão, nem saberemos do que estamos falando. Começaremos falando, por exemplo, de que a virtude é ensinável e, sem perceber, estaremos ao mesmo tempo falando de outras coisas: de turismo, de terrorismo, da família real, de nossa avó ou das causas do desemprego. Ao final, certamente, não estaremos falando de nada, estaremos falando "de tudo e de nada" e, na verdade, o que estaremos fazendo é "olhando para o próprio umbigo", como os tertulianos[3] costumam fazer em todos os debates da tele-lixo[4].

Sócrates, ao contrário, sempre se empenha nessa espécie de "vida anterior" de que alguns poetas falam: "antes" de discutir se a virtude é ou não ensinável, é preciso saber "o que é" a virtude. É como quando todo mundo está falando e falando sobre a virtude, ou sobre o terrorismo, o turismo ou a família real, e Sócrates obrigasse o tempo todo a "deter-se", a parar, a refletir e a "recordar" do que se está falando. E como falar e falar sobre todas estas coisas não passa apenas o tempo, mas também passam a vida inteira; é como se Sócrates as fizesse reparar em uma espécie de vida "anterior" a de suas vidas: a vida do conhecimento, a vida na qual sabiam o que eram todas essas coisas das quais estão falando e com as quais estão passando o tempo. Conhecer, na verdade, se parece muito com aquilo que os poetas chamam "recordar". No entanto essa "vida anterior" tão misteriosa se refere a um mistério ainda maior: é a "vida dos seres racionais", a vida da "liberdade" e do "conhecimento".

Agora, poderíamos fazer uma pergunta inquietante: mataríamos Sócrates no século XXI? Nós o condenaríamos a morte? Alguém poderia se adiantar dizendo que a nossa Constituição – diferente da ateniense – nem mesmo autoriza a pena de morte. No entanto, não devemos apressar-nos a responder sem uma reflexão prévia.

Já começamos a ter uma idéia do que era tão irritante na maneira de dialogar de Sócrates. Ainda assim, a decisão ateniense de condená-lo a morte por isso parece exagerada. Para entender isso, é preciso assumir o tipo de curto-circuito que a intervenção de Sócrates significava para o curso da vida política.

Em um dado momento de seu discurso frente à Assembléia, Sócrates diz muito claramente: "Passei a vida vagando pelas esquinas, falando com sapateiros e com jovens inexperientes. Nunca vim aqui, à Assembléia, dar conselhos à cidade. Querem saber por que,

[3] Referente à tertúlia. Reunião de amigos ou família; assembléia, plenário, agregação. Aqui se refere aos "faladores" ou "bufões televisivos". (N.T)

[4] Expressão espanhola utilizada pelo autor - *Telebasura* [TV + lixo] - é um termo voltado para os programas de televisão não-ficcionais e sensacionalistas. Com manipulação de informações; sem direito à privacidade; a miséria humana transformada em espetáculo; absoluto relativismo cultural; promoção de pseudociência; brigas ao invés de diálogos; audiência é a única meta; etc. Como definido por José Saramago no "*El diario Montanés*" de 2006: "Se a única coisa que oferecerem às pessoas for tele-lixo e omitirem que existem outras coisas, elas acreditarão que não existe nada mais para lá do lixo". (N.T)

atenienses? Porque se tivesse feito, se tivesse vindo aqui, à Assembléia, a dialogar com vocês, há muito tempo vocês teriam me matado. [Gritos de protesto] E não se revoltem tanto, atenienses, sabem perfeitamente que digo a verdade".

Talvez possamos ter uma idéia da tensão política que a voz de Sócrates introduz na cidade se nós o movermos com a nossa imaginação a algum episódio contemporâneo. O que teria acontecido, por exemplo, na Transição espanhola[5] se Sócrates tivesse caminhado, vagando por aí, perguntando o que é um sapato? O que teria sido a democracia espanhola se Sócrates tivesse participado da Constituição? Ou se ele tivesse aparecido repentinamente em uma campanha eleitoral? Coloquemos um caso. Em 1993, Felipe González[6] e José Maria Aznar[7] disputaram as eleições no primeiro debate televisionado entre os candidatos à presidência do Governo.

Imaginemos, apenas, que Sócrates foi o jornalista que moderou o debate. Naquela época, havia muita conversa sobre como resolver o problema do desemprego e não paravam de fazer promessas a este respeito. Felipe González fez o seu discurso e Aznar fez o dele. O que teria acontecido se Sócrates tivesse interrompido para dizer, simplesmente, que "com anterioridade" à discussão de se o desemprego se resolvia puxando a curva de demanda ou incentivando a curva de oferta, aumentando o gasto público ou contendo a inflação, baixando os impostos ou flexibilizando o mercado de trabalho, que "com anterioridade" a todos esses assuntos era preciso concordar sobre o que a palavra "desemprego" significa?

Até uma criança sabe o que é o desemprego, teriam respondido. Todo mundo sabe o que é o desemprego; sabem, entre outras coisas, "por experiência", porque todo mundo conhece alguém desempregado, isso se não é ele mesmo que está ou que esteve desempregado alguma vez. Contudo, Sócrates não quer exemplos de desempregados, quer saber do que são exemplos estes exemplos, quer saber o que é o desemprego. Também não quer que lhe expliquem os diferentes tipos de desemprego que existem de acordo com os nossos economistas: estrutural, de transição, natural, conjuntural, etc. O seu problema é que não entende a palavra "desemprego". Suponhamos que Aznar ou González, solícitos em se mostrar amáveis em plena campanha eleitoral, tivessem aceitado interromper o debate para

5 De modo geral entende-se que a Transição espanhola teve início em 20 de novembro de 1975 com a morte do ditador Francisco Franco e a proclamação de Juan Carlos I como rei da Espanha. Não há consenso quanto ao desfecho deste período: nas celebrações das primeiras eleições democráticas em 15 de junho de 1977; na aprovação da Constituição em dezembro de 1978; nas celebrações das primeiras eleições celebradas de acordo com a nova Constituição em março de 1979; ao triunfo do Partido Socialista Obreiro Espanhol [PSOE] em outubro de 1982. (N.T)

6 Candidato pelo Partido Socialista Operário Espanhol [PSOE]. (N.T)

7 Candidato pelo Partido Popular [PP]. (N.T)

pesquisar no dicionário. Um dos mais famosos define a palavra "desemprego" como: "a inatividade dos trabalhadores por falta de trabalho". Está claro, Sócrates?

No entanto é isto o que acontece com as definições do dicionário quando Sócrates está envolvido: elas também não são entendidas. O problema não é que a definição não seja convincente, o problema é que você não entende o que significa "falta trabalho". Como pode "faltar trabalho"? O homem é muitas vezes carente de riqueza, carece, por exemplo, de comida, carece de produtos, e nesse caso a única coisa que "precisa" é, exatamente, "trabalhar mais". Quando falta riqueza, não falta trabalho: faz falta trabalhar, o que é muito distinto. Isto o homem tem muito claro desde a pré-história. Será que o desemprego provém da "riqueza excedente"? Mas isso também não se entende: se o que acontece é que a riqueza excede, para que continuar trabalhando? Se a riqueza excede o que se deve fazer é descansar e não fazer fila no INEM[8]. Será que quando há excesso de riqueza apenas excede para alguns que são os que ficam com ela, enquanto para outros continua faltando? Esta possibilidade não estava no dicionário, mas também não resiste a muitas perguntas. Em tempos de crise é quando há mais desemprego e não é exatamente quando é melhor para os empresários. A culpa será então a crise, mas, é claro, pretender explicar a Sócrates, logo de cara, o que é uma crise econômica parece uma causa perdida. Se os empresários ficam com o produto do trabalho dos outros ao ponto da riqueza excedente, teriam que ser muito estúpidos para impedir que os trabalhadores trabalhem dizendo-lhes o que está no dicionário, "falta trabalho". Se eles fossem os vilões do filme, teriam que ser muito lerdos, além de perversos, para não dar trabalho a todo mundo e ser cada vez mais ricos; ao fim e ao cabo, isso de "riqueza excedente" não é muito bem compreendido, porque ainda não ocorreu um caso de alguém que considere bastante aquilo que tem.

Quanto mais você pergunta, menos você entende.

"Mas, Sócrates, quantas coisas elementares precisam ser explicadas! Não é exatamente que a "riqueza excede"... É que "falta mercado".

"Mercado". Sócrates entenderá esta nova palavrinha que até uma criança entende? Uma criança entende muito bem que, no mercado, as coisas são compradas com alguns papeizinhos que não se sabe muito bem quem os fabrica. Por que não fabricar mais notas no banco? Mas, provocar "inflação" será uma boa? O que opinavam Keynes e Hayek sobre isto? E Milton Friedman? Isso não pode mais ser explicado a uma criança, mas muito menos pode ser

[8] Instituto Nacional de Emprego. (N.T)

explicado a Sócrates, que ainda está lá esperando alguém dizer o que é o desemprego. O que é essa tal de "inflação"? O que é, na verdade, o papel moeda?

"Bem, Sócrates, para entender este tipo de coisa deve-se estudar, pelo menos, cinco ou seis anos de economia".

No início, para aclarar o que era o desemprego, bastava perguntar a uma criança. Agora, você tem que ser um economista. Mas Sócrates, você sabe, sempre teve "todo o tempo do mundo" quando se tratava de responder a uma pergunta. Como moderador do debate poderia aconselhar a postergação das eleições por cinco ou seis anos, até que todos soubessem suficientemente sobre economia para entender o que é que Aznar e González estavam dizendo quando prometiam resolver uma coisa, o desemprego, que não havia como saber o que é.

Lembremos que Mênon, escandalizado porque Sócrates não sabe o que é a virtude, pergunta-lhe se isso já não foi explicado por Górgias, outro sofista famoso que há pouco passara por Atenas. Sócrates responde: "Cheguei atrasado ao seu discurso [Sócrates se divertiu no mercado conversando com um sapateiro sobre o que é um sapato], mas certamente você, que é o seu melhor discípulo, saberá responder". Assim, talvez não seja necessário passar cinco anos estudando economia, talvez Aznar e González, que entendem disso tudo, possam responder o que é o desemprego.

> Quando em condições em que a inflação não é adequada, as empresas não encontram mercado e, portanto, têm um excedente de riqueza, podendo ser melhor reduzir a força de trabalho para evitar que os estoques cresçam. Muitas vezes esta é a única solução para que as empresas não quebrem. É a única solução para manter a saúde da economia.

"Ah amigos!", diria Sócrates, "mas vocês não se 'recordam' do que diziam antes? Como é que vocês são tão 'desmemoriados'? Não se recordam que vocês dois começaram dizendo que o desemprego era um 'problema' e que havia de se buscar uma 'solução'? O que é isto de agora dizer que o desemprego é a única 'solução' para os problemas da economia? Como é que agora o problema acaba por ser a solução?".

A única coisa que Sócrates havia entendido até o momento era que o desemprego, fosse o que fosse, era um problema. E agora, depois de cinco anos virtuais de economia, verifica-se que não é o problema, mas "a solução para um problema": para o problema das empresas que não encontram mercado, não conseguem transformar a sua produção em dinheiro, não podem, portanto, reinvestir e acabam quebrando nas mãos da competição. Quer dizer, o desemprego acaba por ser uma solução para um problema "da economia privada".

O problema será então a economia privada? No entanto isso não era o que Aznar e González pensavam, que, em todo caso, era o que às vezes dizia naquela época o líder da *Izquierda Unida*, Julio Anguita, um comunista. E não parece provável que Aznar e González, atordoados pelas perguntas de Sócrates, teriam terminado o debate decididos a votar no Partido Comunista. Será então, diria Sócrates, que Aznar ou González começaram a mentir? Ou quando disseram que resolveriam o problema do desemprego o que queriam dizer era, na verdade, que resolveriam o grande problema que as soluções da economia privada hipotecam diariamente a vida dos eleitores? Mas, então, poderiam ter falado assim desde o início! "Os problemas das pessoas são as soluções da nossa economia. Assim, pois, o verdadeiro problema é o sistema econômico no qual estamos imersos". Nenhum político do PP ou do PSOE tiveram a menor intenção de expressar coisas como essa. Se, falando com Sócrates, eles foram obrigados a concluir tal coisa, certamente lhes passaria como a Cálicles: eles iriam levantar-se irritados proferindo ameaças.

Todo mundo pode entender que nem Aznar nem González teriam aceitado explicar o que é o desemprego a um moderador que nem estudou economia, nem sequer sabe o que qualquer criança já sabe "por experiência". Os políticos são pessoas atarefadas, não costumam ter tempo para essas coisas. Um moderador que interrompe um debate eleitoral para ficar cinco anos estudando economia, e tudo isso para ter certeza do que ouve quando ouve a palavra "desemprego", seria considerado nos dias de hoje um doido de pedra.

Para Sócrates, a Assembléia dos atenienses o condenou como ele disse na *Apologia*, "por falta de tempo". "Se tivéssemos mais tempo – disse-lhes Sócrates- os teria convencido, e assim, os teria salvado de entrar para a história como miseráveis capazes de condenar um homem velho por ser chato". No entanto imaginemos por um instante que, por algum misterioso capricho do destino, Sócrates se encontre subitamente moderando o Parlamento das nossas democracias. Não o condenariam à morte, é verdade. Mas imaginemos que, por algum outro capricho do destino, seja concedido tempo o suficiente para interromper os discursos dos deputados, paralisando-os até que eles expliquem o que é o desemprego, o que é a inflação, o que é o dinheiro ou as taxas de juros... Talvez, então, os deputados começariam a se impacientar e a se irritar, como Cálicles. Talvez se irritassem ainda mais se, de repente – como também aconteceu com Cálicles – se vissem obrigados a defender em público muitas coisas que não querem defender. Então eles se veriam na situação de contradizer-se em público ou falar contra os seus próprios interesses. Para tudo isso seria necessário, é claro, "um longo tempo". Mas nisso Sócrates, como presidente dos tribunais, seria implacável: o

tempo que for preciso para explicar o que é o desemprego, ou o que é um sapato, desde que as coisas ficassem claras e registradas.

Talvez, então, os votantes começariam a tirar conclusões muito imprevistas, ao ver tanta mentira revelada e tanta verdade inesperada. Talvez, então, nas próximas eleições, as pessoas também votariam de uma maneira muito inesperada e muito imprevista. Talvez, então, não se votaria no que é melhor para os mais poderosos. O que aconteceria então? Na história do século XX houve alguns resultados eleitorais imprevistos ou, ao menos, fora do habitual. Especificamente, é preciso dizer que, às vezes, as esquerdas ganharam as eleições decididas a aplicar programas eleitorais esquerdistas, socialistas ou anticapitalistas. Essa não era a regra geral, é claro; o normal eram as direitas ganharem ou as esquerdas que ganhavam estavam dispostas a aplicar políticas da direita. Como nada é grande demais para a democracia, os partidos anticapitalistas tiveram e tem o direito de participar das eleições. Mas o fato é que, às vezes, por um deslize do destino, além de participar, ganharam as eleições. Assim aconteceu na Espanha, em 1936, ou no Chile, em 1970. Os espanhóis pagaram com quarenta anos de franquismo; os chilenos, com dezesseis anos de Pinochet. Coisas semelhantes aconteceram outras vezes no século XX: na Guatemala, em 1944; no Brasil, em 1961; na Indonésia, em 1963; no Irã, em 1953; na República Dominicana, em 1963; no Haiti, em 1990 [e também em 2004]; na Colômbia, entre 1985 e 1995; na Nicarágua, entre 1979 e 1990; na Rússia, em 1993; na Venezuela, em 1935 e também em 2002... Em todos estes casos e noutros mais (Fernández Liria, 2007: V), a vitória do anticapitalismo [às vezes muito relativa ou moderada] foi respondida com um golpe de Estado ou com uma guerra que arruinou a ordem constitucional e, portanto, com a possibilidade do Parlamento seguir argumentando e contra-argumentando. E nessas ocasiões já não é que mataram a Sócrates ou o que fizeram de Sócrates: é que mataram cidadãos a torto e a direito, por milhares. Como regra geral, esses cidadãos tiveram arrancadas as unhas dos pés com alicates; foram queimados com maçaricos e cigarros e enfiaram-lhes ratos pela vagina e eletrodos nos genitais. E então eles os mataram e fizeram seus corpos desaparecerem.

Quando já haviam matado ou intimidado a todos os que tinham a intenção de continuar votando no lado errado, dez, trinta ou quarenta anos depois, a democracia foi restaurada. É o que Santiago Alba chamou de pedagogia dos milhões de mortos: a cada quarenta anos, mais ou menos, quase todo mundo é morto e depois os sobreviventes podem votar.